

artistas de uma nova geração de cantores, representantes das “modernas expressões da nossa música”, atuaram no casino, quer em espetáculos a favor da Santa Casa da Misericórdia da Figueira, quer no 1º Festival da Música Popular Portuguesa

Um terceira parte da obra, é dedicada ao edifício, aos seus espaços, programas decorativos, adaptações e readaptações. E a um capítulo final, intitulado “Amigos de estimação: a colónia balnear espanhola”, no qual se evoca “Agosto, o mês das espanholas, o mês da alegria restolhenta e contagiosa, o mês que se vive sem se saber como, num estonteamento e numa vertigem”, conforme transcrição do jornal *O Figueirense*, de 25 de setembro de 1935. São muitas os testemunhos na imprensa de manifestações de apreço da comunidade do país vizinho pela “mais linda praia portuguesa”, com o Casino a organizar *Las noches del Casino Peninsular*.

Enfim, o Casino da Figueira, nas suas diversas configurações e fórmulas societárias que a administraram, foi um elemento central da atividade económica e social. A autora procurou, segundo afirma, identificar o contributo específico e singular de cada uma das empresas que a geriram e de captar a sua identidade como casino e casa de espetáculos na cidade da Figueira da Foz.

Eis um livro denso de informação, assente em escolhas criteriosas, de leitura agradável, com objetivos claramente alcançados, a ler com prazer e proveito não só dos figueirenses, mas sim de quantos se interessam pelo desenvolvimento local e sua explicação histórica, pela história das mentalidades e da cultura, pela história económica e social, pela história global.

Jorge Fernandes Alves

CITCEM/FLUP

jorge.f.alves@gmail.com

BOTELHO, Maria Leonor – *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013 (866 páginas).

Em Maio de 2013, no âmbito da colecção “Textos universitários de Ciências Sociais e Humanas”, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação

para a Ciência e a Tecnologia publicaram *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*, de Maria Leonor Botelho. Esta obra corresponde à sua tese de Doutoramento em História da Arte, orientada por Lúcia Rosas, apresentada à Faculdade de Letras do Porto, defendida em Janeiro de 2011 e aprovada com distinção e louvor, por unanimidade.

O volumoso livro assim dado à estampa apresenta uma análise da produção historiográfica sobre a arquitectura românica, estudo que nos merece o maior realce, não só pelo seu carácter pioneiro, como também pela dimensão ampla do *corpus* que examina. Para o período assinalado, de cerca de 140 anos, é estudada a produção historiográfica de 25 autores, o que corresponde a 440 referências bibliográficas (artigos, teses, monografias e conferências) e ao tratamento de 259 estruturas arquitectónicas.

A obra divide-se em três partes. Antes de iniciar o estudo do referido *corpus* historiográfico, a autora dedica a primeira parte desta obra à “descoberta do estilo Românico”. Assim, partindo da ideia de que “a designação atribuída a um dado estilo exerce uma profunda influência sobre a interpretação que dele se faz” (p. 13), a autora contextualiza a emergência deste conceito. Com vista à fundamentação do aparecimento da nomenclatura de Românico, começa por apresentar a, mais antiga, construção dos conceitos de Idade Média e de Gótico, explicitando as matrizes histórico-culturais que lhes deram origem, nomeadamente, em Itália e na Alemanha.

Ainda nesta parte, a autora dedica um capítulo à discussão levada a cabo, nos inícios do século XIX, por estudiosos franceses e ingleses, acerca da terminologia de *romane* ou *romanesque*. Aqui, a atenção do leitor é despertada pela apresentação desses autores – das suas diferentes proveniências geográficas e vivências culturais – e pela demonstração das repercussões da utilização de ambos os termos, no estudo da arquitectura românica. O desenvolvimento inovador desta problemática, por explorar no panorama da historiografia nacional, assenta, em grande medida, na leitura crítica que Leonor Botelho faz da obra de Tina Bizarro, estimulando-nos para a leitura de uma autora pouco divulgada na Europa.

De resto, com base numa leitura crítica e criteriosa da mais recente bibliografia sobre o tema, são apresentados os contextos historiográficos francês e inglês em que se definiu o conceito de românico, nos séculos

XVII e XVIII. Deste modo, a autora traça o ambiente internacional em que se inseriu o início da valorização do estudo do Românico, em Portugal. Processo tardio, que a autora estabelece a partir de 1870, sendo que, até aí, entre nós, com o contributo de estudiosos estrangeiros como James Murphy e Francisco de Varnhagen, se reconheciam, na arquitectura medieval, tão-só, os estilos gótico e manuelino.

De seguida, na segunda parte da obra “Do conhecimento da arquitectura românica em Portugal”, a autora apresenta a informação produzida no nosso país sobre o Românico (entre 1870 e 2010), em três vertentes: a escrita, a imagem, e o restauro. Metodologicamente, a análise da escrita segue a cronologia de publicação dos diferentes trabalhos, fazendo apontamentos críticos aos conceitos utilizados nos respectivos contextos de produção. Assim, 1870 é indicado como o ano da inauguração da historiografia do românico em Portugal, valorizando-se sobremaneira o contributo de António Augusto Gonçalves e de Augusto Fuschini. A época de afirmação da historiografia do românico seria, apenas, entre 1908 e 1918, período em que se destacam autores decisivos como Manuel Monteiro e Joaquim de Vasconcelos. Entre 1918 e 1955, Maria Leonor Botelho inscreve a *golden age* da historiografia do Românico em Portugal, na qual, tendo em conta as afinidades temáticas e ideológicas, apresenta dois grupos de autores: o “Núcleo do Porto” e o “Círculo de Coimbra”. Deste período, realça a tendência, cada vez mais vincada, para a definição de um carácter científico e objectivo nos estudos de História da Arte. Logo de seguida, apresenta o intervalo estabelecido entre 1955 e 1966, atribuindo-lhe a construção de “um novo olhar” sobre o tema. Nele, constata, por um lado, a diminuição dos títulos publicados, por outro, a superior qualidade dos mesmos e o aparecimento de novos autores. Por fim, estuda o período estabelecido entre 1966 e a actualidade, identificando-o com a compreensão da Época Românica, ou seja, com o ponto de chegada de um caminho que se vinha a traçar no sentido de uma perspectiva globalizante do conceito. Sublinham-se, neste momento, os trabalhos de José Mattoso, de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, de Manuel Real, de Jorge Barroca e de Lúcia Rosas.

Sendo Maria Leonor Botelho uma autora da actualidade, das suas conclusões e da forma como apresenta este trabalho – desde logo o título – percebe-se a sua adesão à compreensão do Românico como uma época

e, portanto, àquela última fase. Todavia, a sua investigação assenta numa abordagem distanciada dos vários contextos, resultando, assim, num estudo isento, claro e objectivante. Na sua análise, apesar de podermos reconhecer preferências, todos os autores são valorizados como actores relevantes no quadro cronológico em que actuaram.

Como já se disse, o estudo prossegue com a análise do conhecimento da arquitectura românica, através da imagem. Aqui, avalia-se o impacto da evolução da representação do Românico, inicialmente com base na gravura e, depois, na fotografia. Por fim, a autora problematiza o conhecimento do românico português através do restauro, estudando as intervenções da DGMEN, abordagem que lhe será cara desde a sua dissertação de Mestrado, na qual estudou os trabalhos realizados por esse organismo, na Sé do Porto⁵.

Se, nesta parte do estudo, a autora segue metodicamente o aparecimento das diferentes publicações, reproduções iconográficas ou fotográficas e programas de restauro, num discurso, por vezes, demasiado esquemático porque norteado pelas respectivas cronologias de produção, imediatamente a seguir brinda-nos com relevantes ensaios, numa terceira parte consagrada aos temas e debates do românico português. Aqui, principia por problematizar a temática “Românico e Território”, seguindo-se o estudo sobre a “Originalidade do românico português”. No primeiro ponto, relevam-se questões como a paróquia românica, destacando-se especialmente o contributo de Carlos Alberto Ferreira de Almeida na sua definição de paróquia medieval e na sua compreensão da relação desta com o território; seguidamente, debate-se a relação do românico com a reconquista, apresentando a evolução do estilo a partir da construção ou da reconstrução de igrejas no território reconquistado. Neste último ponto, talvez esperássemos encontrar algumas linhas dedicadas à arquitectura militar românica, mas a opção da autora por não o fazer compreende-se face à amplitude do seu estudo e à profundidade com que problematiza o papel decisivo da arquitectura religiosa na reorganização do território.

Por fim, com vista à demonstração da originalidade deste estilo em contexto nacional, Leonor Botelho faz a sua classificação, apoiando-se nos

⁵ BOTELHO, Maria Leonor – *A Sé do Porto no século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

trabalhos dos historiadores do românico português e salientando as especificidades geográficas, económicas, humanas e históricas que permitiram o aparecimento de particularidades locais. Ainda nesta última parte, debate o “Românico *rural* ou românico *popular*”, enquadrando a existência, entre nós, sobretudo na região Norte e na Beira Alta, de um *românico de resistência* que perduraria até ao século XVI. Por fim, estuda as influências estrangeiras no românico português, sendo que também elas concorreram para a definição do seu carácter particular. No desenvolvimento dos temas e debates da corrente arquitectónica em questão, esta obra proporciona-nos um conhecimento minucioso e aturado do seu estilo e dos autores que o estudaram, bem como a compreensão de uma época nos seus mais diversos aspectos económicos, políticos e religiosos.

Como elemento complementar, a *Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal* conta também com uma base de dados – *Corpus Historiográfico do Românico Português* – consultável em linha, no sítio www.marialeonorbotelho.com. Nela pode pesquisar-se toda a produção historiográfica que serve de fonte a esta obra. De acordo com as palavras da autora, o seu “conteúdo (...) é da exclusiva responsabilidade dos autores que desde 1870 foram escrevendo sobre o românico” (p. 679). Todavia, é ao seu trabalho que devemos a preciosa recolha, sistematização e disponibilização da informação. A base de dados em que sustentou a sua investigação constitui, assim, uma ferramenta, doravante, indispensável para o estudo, não só deste estilo arquitectónico, como também da época que o produziu.

Por tudo o que acima explanámos, pelos problemas que esta obra levanta, pelas respostas que dá, mas também por aquelas que deixa em aberto – desde logo, através das pertinentes ... que o seu texto apresenta – consideramos que o conhecimento de História da Arte Medieval e de História da Idade Média Portuguesa se fortaleceu com a apresentação desta tese, felizmente publicada e, agora, acessível ao grande público.

Maria Amélia Álvaro de Campos

melicampos@gmail.com